



Ponto Urbe

Revista do núcleo de antropologia urbana da USP

4 | 2009

Ponto Urbe 4

Da Escola Para o Bairro: Apontamentos de uma Abordagem Etnográfica Sobre Jovens de Periferia

Gilberto Geribola Moreno



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1718>

DOI: 10.4000/pontourbe.1718

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Gilberto Geribola Moreno, « Da Escola Para o Bairro: Apontamentos de uma Abordagem Etnográfica Sobre Jovens de Periferia », *Ponto Urbe* [Online], 4 | 2009, posto online no dia 31 julho 2009, consultado o 20 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/1718> ; DOI : 10.4000/pontourbe.1718

Este documento foi criado de forma automática no dia 20 Abril 2019.

© NAU

Da Escola Para o Bairro: Apontamentos de uma Abordagem Etnográfica Sobre Jovens de Periferia

Gilberto Geribola Moreno

NOTA DO AUTOR

Este texto tem como proposta expor algumas observações preliminares sobre a pesquisa de mestrado intitulada *Jovens e Experiência Social na Educação de Jovens e Adultos*, desenvolvida no Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

- 1 Nos últimos anos os pesquisadores do campo de estudos da educação de jovens e adultos (EJA) têm deparado com a crescente presença juvenil em suas salas de aula, fenômeno que promove tensões e demandas inesperadas no interior da EJA, exigindo novas pesquisas. O foco dessas pesquisas tem recaído, predominantemente, no interior das instituições e de suas práticas pedagógicas ou, ainda, sobre as políticas públicas voltadas para esse segmento educacional. Apesar da importância da escola como referência empírica das investigações das problemáticas da educação formal, seria importante o desenvolvimento de abordagens com foco nas relações sociais para além do espaço escolar, sobretudo tratando-se das demandas e aspirações do público jovem. Nesse artigo segue-se a proposta de Sposito (2007) no que diz respeito a uma perspectiva não-escolar no estudo sociológico da escola.
- 2 A relevância analítica da instituição escolar não implica, necessariamente, o seu estudo empírico, sendo esse o primeiro aspecto da via não escolar no estudo sociológico da escola. O segundo reside na idéia de que, mesmo considerando-se a escola como unidade empírica de investigação, é preciso reconhecer que elementos não escolares penetram,

conformam e são criados no interior da instituição e merecem, por sua vez, também ser investigados (p.25).

- 3 Procura-se refletir sobre a pertinência de se pesquisar a problemática da juvenilização da EJA tendo como foco a rede de relações sociais dos jovens, adotando como referencial teórico metodológico as categorias da antropologia urbana. Trata-se de lançar o olhar sobre as práticas desses jovens, seus vínculos sociais e sua circulação pela cidade exercitando uma abordagem de tipo etnográfica, compreendendo-se que “o que define a etnografia é o tipo de esforço intelectual que ela representa: um risco elaborado para uma descrição densa” (Geertz, 1978 p.15).
- 4 O campo empírico de investigação é o Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos do bairro do Campo Limpo, (CIEJA-CL¹), na zona sul do município de São Paulo. Primeiramente, buscou-se olhar para o interior da instituição, numa tentativa de explicar, a partir das dinâmicas das relações de sociabilidade internas e da especificidade do programa do CIEJA, a notoriedade que o programa ganhou junto aos alunos e à vizinhança como projeto inovador na educação de jovens e adultos. No entanto, esse procedimento se mostrou insatisfatório, por não explicitar as relações sociais que os jovens estabelecem com as diversas entidades do entorno que têm sido apontadas, por eles, como importantes elementos na configuração da sociabilidade juvenil dentro e fora da escola. Nas observações de campo, pôde-se constatar, também, grande permeabilidade da escola com o meio circundante de modo a se estabelecer uma grande rede de relações entre esta e outras entidades de atendimento assistencial e cultural nas regiões em que os jovens transitam.
- 5 Tem-se, então, um objetivo: o de abordar os jovens dessa unidade de ensino enquanto atores sociais em sua complexidade, compreendendo-os como sujeitos afeitos a múltiplos agenciamentos e arranjos sociais. Como foi dito acima, a pesquisa se encontra em andamento, de modo que apresento aqui observações preliminares sobre o campo de investigação.

Apontamentos preliminares da pesquisa

- 6 Uma cidade da amplitude do município de São Paulo apresenta-se como um grande desafio para os pesquisadores, sobretudo quando se tenta entender as inúmeras manifestações dos atores que vivem nessa metrópole, buscando-se determinar uma lógica que lhes seja determinante da ação.
- 7 Nos anos de 1970 a 1980, São Paulo foi abordada numa perspectiva dicotômica entre periferia e centro. A cidade apresentava a centralidade e, nas periferias, a população pobre experimentava a carência de equipamentos públicos. Os estudos dessa época enfocaram tais carências e cunhou-se, então, o conceito de *despoliação urbana* para categorizar a dinâmica de construção da cidade baseada na expansão da malha urbana sem a necessária ampliação dos serviços públicos (Kowarick, 1980).
- 8 Frúgoli (2000) aponta a existência de novas centralidades na cidade. Teríamos o centro velho em torno da Praça da Sé, marco histórico da cidade, por onde passaram várias manifestações políticas e culturais, e que hoje se encontra degradado. A Avenida Paulista aparece como novo centro, constituído no passado recente como opção de moradia para as camadas privilegiadas da sociedade que buscaram se afastar do centro velho e dos populares que o tomaram como local de moradia e trabalho. Esse centro se constitui,

hoje, em torno dos prédios que alocam o sistema financeiro na cidade e tem sido palco das manifestações populares em torno de temas políticos e/ou culturais como, por exemplo, as comemorações das eleições de diversos candidatos, das vitórias em campeonatos de futebol ou, ainda, das manifestações do Dia do Trabalho, em 1º. de maio. O autor aponta, ainda, uma nova centralidade na cidade em torno da Avenida Roberto Marinho, que tem se constituído como pólo produtor e usuário das novas tecnologias. Dentro dessa lógica, estaria se constituindo, por sua vez, uma nova centralidade na porção sudoeste da cidade. O autor aponta que numa cidade das dimensões de São Paulo, centralidades vão se constituindo em função da própria dinâmica urbana, tendo como referência os bens e serviços que esta oferece à população.

- 9 De outra perspectiva, Tereza Caldeira (2000) discorre sobre o crescente processo urbano de segregação. Centro e periferia coabitariam o mesmo espaço, mas protegidos por dispositivos vários como muros, câmeras e todos os aparatos de segurança. Os condomínios fechados, vigiados diuturnamente, construídos ao lado de favelas, ou mesmo no interior de bairros precários, seriam, segundo a autora, o novo modelo de desenvolvimento da cidade. Na inevitabilidade de compartilhamento do território da cidade com outras classes, as camadas favorecidas optam por morar e trabalhar protegidos por fortificações, criando uma cidade de muros.
- 10 Telles (2006) aponta a fragmentação da vida social na periferia. As fronteiras entre o legal e o ilegal estariam diluídas na vida cotidiana dos moradores dessa porção da cidade, de modo que os papéis sociais se confundiriam. Embora a autora não o trate nesses termos, percebe-se, segundo suas pesquisas, um quadro de anomia social configurando as dinâmicas de sociabilidade na cidade

[...] há evidências de sobra que mostram a corrosão dos procedimentos de regulação moral das tensões e litígios - a solução violenta, e mais-do-que-violenta, acompanhada de desmedida e sinais de crueldade -, tem sido frequente no desfecho de brigas de vizinho, desafetos, disputas amorosas, dívidas domésticas entre uns e outros, tudo isso, enfim, que compõe as dimensões prosaicas da vida social. É o cupim fazendo seu trabalho. (p.103)

- 11 Sem perder de vista a precariedade das condições de vida da população da periferia, busco, como orientação teórico-metodológica nas observações que seguem, pensar a apropriação da cidade, ou de partes desta, pelos atores, tendo como referência o cenário em que se configura a ação e as formas pelas quais estes se relacionam com a cidade e entre si. Compreendo que o cenário configura o espaço de ação dos atores sociais nas suas práticas cotidianas. Apresenta marcos e delimitações estabelecidas pelos atores sociais atuais e pelos anteriores. Tomando como referência a noção de cenário estabelecida por Magnani (2000), observamos que o cenário é:

[...] produto de práticas sociais anteriores e em constante diálogo com as atuais - favorecendo-as, dificultando-as e sendo continuamente transformado por elas. Delimitar o cenário significa identificar marcos, reconhecer divisas, anotar pontos de intersecção - a partir não apenas da presença ou ausência de equipamentos e estruturas físicas, mas desses elementos em relação com a prática cotidiana daqueles que de uma forma ou outra usam o espaço: os atores. (p.38)

- 12 O cenário não se confunde com as delimitações estabelecidas institucionalmente, mas, sob alguns aspectos, essas delimitações são referências para os moradores, orientando sua ação cotidiana. Cabe reafirmar que o cenário é delimitado e estabelecido não apenas pelas características físicas do espaço, mas pelas relações sociais dos atores no espaço.

- 13 O Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos - Campo Limpo, localiza-se na zona sul da cidade. Esse bairro é conhecido pelo alto índice de violência e baixo índice de desenvolvimento humano - IDH. Pode-se dizer que é uma porção estigmatizada da cidade, observada com receio e evitada pelos demais moradores da metrópole. Em caráter preliminar, as observações de campo, realizadas ao longo de 2008/2009, têm demonstrado outra dimensão da vida dos moradores dessa porção da periferia da cidade de São Paulo².
- 14 Na pesquisa de campo, observa-se que os jovens estabelecem uma relação de pertencimento com a região e de valorização das características locais. Há, nas falas dessas pessoas, orgulho em ser “mais um da sul”. Vários jovens portam bonés com essa inscrição, que faz alusão à grife “1 da Sul” criada por Ferrez, escritor e empresário da região. Essa porção da cidade aparece, na visão desses jovens, como o seu pedaço; um local de pertencimento e identidade, onde
- [...]existe um componente afirmativo referido ao estabelecimento e reforço de laços de sociabilidade, desde o núcleo familiar até o círculo mais amplo que envolve amigos, colegas, 'chegados' (no âmbito do pedaço) e desconhecidos (fora do pedaço). (Magnani, 2000 p.33).
- 15 Os jovens, ao falarem sobre o Capão³, tratam-no como “nossa área”, remetendo à valorização da região como “de luta”, “de gente batalhadora”, “onde *playboynão* tem vez” ou, em outros termos, aqueles que não são do pedaço são os outros.
- 16 Não se trata aqui da valorização da periferia numa perspectiva em que se abandone o olhar para a precariedade ou para a falta de equipamentos públicos do local, mas de realçar o olhar do “nativo” sobre sua vida cotidiana. A periferia se apresenta, a esses jovens, como lugar de carência, mas, também, é onde “eu levo minha vida”, “encontro meus camaradas” ou de onde “só saio para trabalhar”. Os jovens veem o bairro como “minha área”, designando o espaço onde se desenvolvem as atividades do cotidiano da vida num recorte que passa por um terceiro ponto entre os ambientes público ou privado. Tal noção de “área” é similar à noção de pedaço desenvolvida por Magnani (1998):
- aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada os laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade” (p.116).
- 17 A “área” é o espaço por onde se trafega, onde se desenvolve uma sociabilidade (“onde eu tenho uma ‘comunidade’ com o pessoal”). A “área” confere identidade e pertencimento. A “área” é um território “que funciona como ponto de referência - e, no caso da vida no bairro, evoca a permanência de laços de família, vizinhança, origem e outros” (Magnani, p.20).
- 18 Os jovens, no entanto, não abandonam uma perspectiva globalizante, relacionando, muitas vezes, em suas falas, elementos gerais da cultura juvenil, aludindo a determinados grupos musicais, manifestações artísticas e, sobretudo, artefatos multimídia como telefones celulares, iPods, e à Internet, que os conectam à diversidade do mundo contemporâneo. Portanto, embora valorizem o pedaço, não estão apegados a um localismo como valor absoluto e estabelecem uma relação entre local e global em trânsito constante entre um e outro elemento. Nesse sentido, é importante observar os possíveis deslocamentos desses jovens pela cidade, estabelecendo-se as conexões entre o micro e o macro social.
- 19 A categoria *trajeto* aparece como importante instrumento de análise ao permitir acompanhar os jovens em seus deslocamentos por outros pedaços da cidade e por impedir

que o observador caia na “tentação da aldeia que é a de encarar o objeto de estudo – uma festa, um ritual, um bairro, uma religião – como uma unidade fechada e autocentrada” (Magnani, 2000 p. 47). É comum os jovens do Capão Redondo se deslocarem para Santo Amaro a fim de trabalhar e comprar, mas, também, para se divertir. A região de Campo Limpo apresenta como opções de lazer o Shopping Center Campo Limpo, o Bar do Lele (onde há pagode ao vivo) e o Parque Santo Dias. Muitos dos jovens abordados em campo declararam que vão a barezinhos, a sambas e casas de espetáculos (uma delas voltada ao público gay) na região de Santo Amaro.

- 20 No âmbito do trabalho, os deslocamentos se dão em três direções. Uma delas aponta para Santo Amaro, antiga zona industrial da cidade e que se desindustrializou aceleradamente nos últimos anos. Outra, para a região da Avenida Roberto Marinho, um dos novos centros da cidade, como dito anteriormente (Frúgoli, 2000), dinamizado em torno das empresas voltadas às novas tecnologias da informação. Há, ainda, o deslocamento bastante tradicional para o bairro do Morumbi, onde se encontram ofertas de trabalho para empregadas domésticas, vigias e seguranças. Pelas exigências de qualificação nas empresas da Avenida Roberto Marinho, cabem aos jovens do Capão Redondo, do mesmo modo, atividades subalternas como faxineiros, copeiros, porteiros. Já no eixo Santo Amaro, prevalecem atividades comerciais. Os jovens ouvidos em campo trabalham, em sua maioria, em pequenos estabelecimentos comerciais, sem garantia dos direitos trabalhistas e com jornadas de até doze horas diárias de trabalho.

Uma característica muito importante nos deslocamentos desses jovens acontece pela travessia da Ponte João Dias. Esta ponte exerce uma função liminar para os jovens. Ela é um não-lugar; uma passagem que viabiliza o deslocamento por ambientes completamente distintos. De um lado da ponte, está-se no pedaço e, no outro lado, em uma área onde não há pertencimento, onde se é desconhecido e onde se desconhece as pessoas e, sobretudo, as regras de sociabilidade. A ponte, ao levar de um lugar a outro, aparece como um *pórtico*:

Trata-se de espaços, marcos e vazios na paisagem urbana que configuram passagens. Lugares que já não pertencem ao pedaço ou mancha de cá, mas ainda não se situam nos de lá; escapam aos sistemas de classificação de um e outra [...] (Magnani, 2000, p.45).

21

- 22 Durante um debate sobre o direito de ir e vir⁴ realizado em uma das salas de aula, observaram-se as seguintes declarações:

“Só atravesso a ponte para trabalhar”.

“Eu no fim-de-semana fico por aqui. Tomo umas cervejas com os caras. E só”.

“Só vou pro outro lado para trabalhar”⁵.

- 23 Atravessar a Ponte João Dias, adentrando a região nobre da cidade, é um acontecimento para esses jovens. A ponte é um verdadeiro portal de acesso ao mundo dos playboys, com lugares aonde não se vai devido aos preços proibitivos, e pelo fato de “não ter meus chegados”, ou aonde se vai só a trabalho.

Outro aspecto que merece destaque diz respeito à presença de entidades voltadas ao atendimento das carências da população local. São 20 entidades, desde as tradicionais associações de bairros, passando pelas entidades ligadas às instituições religiosas e pelas ONGs. Estabelecidas por toda a região, algumas caracterizam uma *mancha*:

São manchas, áreas contíguas do espaço urbano dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam – cada qual com sua especificidade, competindo ou complementando – uma atividade ou prática predominante. (Magnani, 2000, p.40)

- 24 A presença dessas entidades ganha importância pela relação que se estabelece entre elas e o CIEJA e com seus respectivos alunos. Essa relação talvez explique o êxito do CIEJA com o seu público. Embora seja um órgão ligado à Secretaria Municipal de Educação, não se furta a negociar com as entidades os mais diferentes encaminhamentos para os alunos: colocação profissional, cursos de formação, encaminhamentos médicos.
- 25 Esta *mancha* é composta pelas seguintes entidades:
- Centro de Direitos Humanos e Educação Popular;
 - Casa do Zezinho;
 - Instituto Rukla;
 - Capão Cidadão;
 - Santuário São José Operário.
- 26
- 27 Em muitos aspectos, a ação do CIEJA-CL se confunde com as práticas das entidades, complementando as ações destas e vice-versa. São relações que se estabelecem por laços de afinidade e complementaridade no cotidiano do trabalho no bairro.
- 28 Considerações
- As observações aqui elencadas evidenciam alguns aspectos observados preliminarmente no campo. Ao longo do ano de 2009 a pesquisa será ampliada por meio de entrevistas e de um aprofundamento da observação de campo, auxiliando a configurar um quadro interpretativo de maior amplitude da experiência social vivenciada pelos jovens.
- 29 As categorias da Antropologia Urbana têm se mostrado importantes instrumentos teóricos para a interpretação das dinâmicas sociais que perpassam o cotidiano dos jovens pesquisados pelo trabalho em curso. Especificamente as categorias de pedaço, mancha, trajeto, pórtico, circuito têm permitido traçar um quadro das relações sociais desses jovens. Por onde andam nos momentos de lazer, quais os seus trajetos, seus circuitos, o que pensam sobre a periferia, quais trabalhos buscam e onde se empregam, que relações estabelecem com as entidades de assistência que estão no bairro, são características e podem apontar um jeito de ser jovem nesse pedaço da cidade.
-

BIBLIOGRAFIA

- CALDEIRA, T. P. R. *Cidade de Muros*: crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Ed. 34; Edusp, 2000.
- FRÚGOLLI, H. *Centralidade em São Paulo*. São Paulo: Cortez; Edusp, 2000.
- GEERTZ, G. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1978.
- MAGNANI, J. G. C. *Festa no pedaço*: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo, Ed. UNESP-Hucitec, 1998.
- MAGNANI, J. G. C. & TORRES, L. L. (orgs.) *Na metrópole*: textos de antropologia urbana. São Paulo: EDUSP; FAPESP, 2000.
-

SPOSITO, M. P. Uma perspectiva não-escolar no estudo sociológico da escola. In: PAIXÃO, L. P. & ZAGO N. (Orgs.) *Sociologia da educação*: pesquisa e realidade brasileira. São Paulo: Vozes, 2007.

TELLES, V. S. & CABANES, R. *Nas tramas da cidade*: trajetórias urbanas e seus territórios. São Paulo: Humanitas, 2006.

WEBGRAFIA

E.J.A. - Educação de Jovens e Adultos

CIEJA Campo Limpo SP

NOTAS

1. Os CIEJA – Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos - foram criados em 2003 pela Secretaria de Educação do Município de São Paulo. Originaram-se dos antigos CEMES – Centro Municipal de Educação Supletiva – após avaliações, mudanças de formato e mudanças curriculares. Utilizarei a sigla CIEJA-CL para me referir ao Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos do Campo Limpo.
2. As afirmações que seguem são observações registradas no caderno de campo do pesquisador.
3. O Capão Redondo é um subdistrito de Campo Limpo. Os jovens observados são, em sua maioria, dessa região.
4. Durante o segundo semestre de 2008 o tema norteador foi o dos direitos humanos. Ao longo do semestre, todas as disciplinas debateram aspectos e artigos da Declaração Universal dos Direitos Humanos e as possíveis relações com a vida dos estudantes.
5. Parte do diálogo foi suprimida. Portanto, essas declarações não são sequenciais.

AUTOR

GILBERTO GERIBOLA MORENO

Mestrando em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.